Crise da escola ou crise da educaÃ§Ã£o ?

O estado da educaÃ§Ã£o/escola em Portugal nÃ£o Ã© primariamente o resultado, como alguns querem fazer crer, da imposiÃ§Ã£o (?), no nosso sistema, nas Ãºltimas dÃ©cadas, de determinadas ideologias pedagÃ³gicas. Resulta sim do aglomerar de contradiÃ§Ãµes e de orientaÃ§Ãµes de sinal contrÃ¡rio que descaracterizam e aprisionam a escola no seio de problemas -chave que fazem com que a educaÃ§Ã£o nÃ£o saia do marasmo em que se encontra e seja o campo de batalha de todas as opiniÃµes.

Primeira questÃ£o: como conciliar a aprovaÃ§Ã£o generalizada (ou nÃ£o â€œretenÃ§Ã£oâ€) com qualidade e exigÃªncia? Ã€ cada vez maior o nÃºmero de alunos que muitas vezes afirmam nÃ£o querem aprender, estarem na escola porque sÃ£o obrigados, que aquilo nÃ£o lhes interessa para nada, etc. e em relaÃ§Ã£o aos quais os professores tentam por todos os meios ensinar alguma coisa. Enquanto isto, os outros alunos, a excepÃ§Ã£o, os melhores, os que nÃ£o dÃ£o problemas, os bem-educados, os que querem aprender e para os quais a escola faz sentido vÃ£o perdendo hÃ¡bitos de trabalho, de rigor, de disciplina qualidades que, mais tarde, por exemplo, no ensino superior, serÃ£o acusados de nÃ£o possuÃªrem... Creio que este problema â€ conciliaÃ§Ã£o entre progressÃ£o para todos e qualidade de ensino - se poderÃ¡ resolver com a criaÃ§Ã£o de turmas de nÃºvel, em que os alunos nÃ£o transitam todos para o mesmo nÃºvel de aprendizagem mas para nÃºveis diferenciados em relaÃ§Ã£o Ã progressÃ£o nos estudos. Por exemplo, um nÃºvel permitirÃ¡ a progressÃ£o para os estudos superiores, outro, para cursos tÃ©cnico-profissionais e outro, ainda, para os cursos profissionais. Evidentemente que estes nÃºveis nÃ£o seriam estanques entre si, permitindo em determinadas condiÃ§Ãµes, a respectiva transiÃ§Ã£o. HaverÃ¡ outras maneiras?

Segunda questÃ£o estruturante: em nome da inclusÃ£o, em nome da escola para todos tudo comeÃ§ou a ser permitido: as normas deixaram de ser cumpridas, os regulamentos nÃ£o sÃ£o aplicados pois nÃ£o sÃ£o permitidas sanÃ§Ãµes que impliquem retenÃ§Ã£o do aluno, ou a exclusÃ£o da escola, mesmo quando esta sente que nÃ£o tem condiÃ§Ãµes para lidar com os problemas criados por uma minoria Ãnfima de alunos que estÃ£o lÃ¡ para tudo menos para se â€œdeixaremâ€ educar o laxismo: Permite-se tudo aos alunos. Os professores sentem-se impotentes. A escola transforma-se num local em que tudo pode acontecer e nada Ã© sancionado: Um professor Ã© ameaÃ§ado fisicamente, mas no dia seguinte tem o aluno na sua aula para lhe repetir a ameaÃ§a. Deste modo vai-se minando a autoridade do professor... resta um pequeno problema: todos sabemos que sem autoridade nÃ£o hÃ¡ educaÃ§Ã£o.

Ainda em nome da inclusÃ£o, da escola para todos, a escola comeÃ§ou a diminuir o seu grau de exigÃªncia em relaÃ§Ã£o aos saberes.

E Agora a questÃ£o: se a escola nÃ£o faz com que os alunos interiorizem normas, nÃ£o exige saberes, qual Ã© a sua funÃ§Ã£o?

Toda a gente tem noÃ§Ã£o deste problema mas consciente ou inconscientemente nÃ£o o quer equacionar: os pais que tÃªm disponibilidade financeira e que querem uma boa educaÃ§Ã£o para os seus filhos, que desejam que eles se constituam cidadÃ£os autÃ³nomos, conscientes, livres e crÃ¡ticos pÃµem-nos no Ensino Particular - lugar onde existem normas, onde se ensina e se aprende. Veja-se que o nÃºvel de qualidade entre o ensino pÃºblico e o privado aumenta a cada ano que passa.

A quem aproveita esta situaÃ§Ã£o? NÃ£o estamos em nome da inclusÃ£o a aumentar o nÃºmero dos excluÃ-dos? NÃ£o estamos a reforÃ§ar as diferenÃ§as de origem em nome da igualdade de oportunidades?

Enquanto nÃ£o se tiver a coragem de repor a autoridade do professor, de dizer aos alunos e pais dos alunos que hÃ¡ normas de boa educaÃ§Ã£o que tÃªm de ser respeitadas sob pena de penalizaÃ§Ã£o, que os alunos nÃ£o podem passar, por exemplo para o segundo ciclo, se nÃ£o tiverem interiorizado o respeito pela autoridade (Pais, professores, empregados, etc.), capacidade de ouvir e executar uma ordem, teremos muito do esforÃ§o dos professores desaproveitado, teremos ainda no 12.º ano professores a queixarem-se que gastam muita da sua energia, que deveria ser gasta em ensinar, a mantÃª-los em ordem para poderem ensinar alguma coisa.

Curioso que os professores do Ensino Superior que tradicionalmente estavam imunes a este problema venham agora estranhar a atitude com que os seus alunos se apresentam nas aulas: a de quem vai Ã espera de ser entretido.

Finalmente hÃ¡ que responsabilizar os pais pela educaÃ§Ã£o dos seus filhos. NÃ£o sÃ£o eles os primeiros responsÃ¡veis pela educaÃ§Ã£o no dizer da ConstituiÃ§Ã£o da RepÃºblica? Mas como? HÃ¡ medidas que se poderiam tomar e que, quanto a mim, teriam consequÃªncias extraordinariamente positivas.

A primeira consistiria em dar-lhes liberdade de escolher a escola para o seu filho e acabar com a hipocrisia reinante de declaraÃ§Ãµes falsas de residÃªncia, cunhas, etc.

A segunda, de um outro nÃºvel, condicionaria a atribuiÃ§Ã£o do abono de famÃªlia a uma declaraÃ§Ã£o da escola em que esta atestaria que o aluno em questÃ£o Ã© assÃ-duo e bem comportado.

Finalmente proÃ-ba-se (na constituiÃ§Ã£o ou na lei de bases) que se intervenha no Sistema Educativo sem previamente se fazer avaliaÃ§Ã£o daquilo que se quer mudar. Ã‰o necessÃ¡rio que todos os intervenientes (alunos, pais e professores) sintam alguma estabilidade e coerÃªncia no sistema para que o posam respeitar.

=====